

Superintendência Regional de Educação	Afonso Cláudio
Categoria	Boas Práticas na Gestão Escolar
Autor	Míriam Klitzke Seibel
Escola	EEEFM Joaquim Caetano De Paiva
Título do Relato de Prática	Protagonizando o sucesso: oficina reflexiva para recomposição da aprendizagem e empoderamento dos líderes na construção de uma gestão democrática.
Período de realização	05/02/2024 a 13/09/2024

RESUMO

Este relato apresenta uma prática escolar voltada para a recomposição da aprendizagem e melhoria dos resultados escolares, sendo realizado em uma escola que oferta Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, que atende a uma clientela oriunda de comunidades rurais, compostas por descendentes de pomeranos e afrodescendentes. A ideia de desenvolver a ação surgiu após a análise dos resultados das avaliações externas (PAEBES, IDEB) e internas, e da verificação de que, embora várias estratégias já tivessem sido implementadas pela equipe escolar, ainda era ineficaz o envolvimento e comprometimento dos alunos com a proposta pedagógica da escola. De tal modo, foi ofertada uma oficina cujos objetivos incluíam recompor as aprendizagens, fortalecer o protagonismo estudantil, melhorar os resultados do segundo trimestre e fortalecer a gestão democrática. As principais dificuldades eram o baixo envolvimento dos alunos e a necessidade de engajá-los de maneira significativa. Segundo Libâneo (2013), a participação ativa dos alunos é essencial para uma educação mais eficaz e inclusiva. A prática foi destinada a Líderes de Turma e Protagonistas, com o intuito de que eles se tornassem agentes transformadores e multiplicadores em suas turmas. Para realização da oficina foi definida a abordagem metodológica Design Thinking, sendo por sua vez estruturada em cinco etapas: imersão, onde os alunos analisaram os dados e compreenderam os problemas; definição, em que delimitaram os principais desafios; ideação, com a geração de soluções criativas; prototipagem, quando transformaram as ideias no plano de ação; e testagem/implementação, na qual as intervenções foram aplicadas nas respectivas turmas e acompanhadas pela equipe escolar. Em suma, os resultados obtidos mostram uma interconexão clara entre as expectativas e o vivido. Os alunos foram mais participativos e autônomos e mostraram expressivo crescimento nas notas acima da média. Os alunos também desenvolveram competências socioemocionais, como a liderança e a capacidade de trabalhar em grupo, que os colocaram no centro das ações implementadas. Apesar de alguns desafios, como a resistência inicial de alguns alunos à monitoria e a necessidade de ajustes nas ações planejadas, os resultados mostraram que a prática foi bem-sucedida. A proposta de envolver os estudantes no diagnóstico e resolução dos problemas de suas respectivas turmas, utilizando o Design Thinking, mostrou-se eficaz na melhoria dos resultados das avaliações internas da escola e no desenvolvimento de uma cultura de corresponsabilidade. Recomenda-se que a prática seja ampliada para um número maior de alunos, envolvendo outras instâncias da escola, como a implementação de um grêmio estudantil. Esta experiência

pode ser desenvolvida em escolas com características similares que desejam fomentar a cultura do protagonismo estudantil, criando um ambiente mais democrático e colaborativo de aprendizagem. Conforme Freire (1996), a educação deve ser um diálogo inclusivo, e a experiência reforçou que a participação dos estudantes é fundamental para a construção de um ambiente educacional mais democrático e eficaz.

RELATO DE PRÁTICA

A fim de fortalecer o envolvimento, comprometimento e protagonismo de nossos discentes na proposta pedagógica da escola, foi realizada uma oficina estratégica envolvendo todos os Líderes de Turma e Protagonistas da unidade escolar, com o intuito de analisar os resultados do 1º trimestre, de modo a refletir sobre as áreas que ainda precisam de aprimoramento.

Dessa forma esse relato almeja apresentar uma boa prática na gestão escolar, discorrendo sobre uma ação pensada para estimular o envolvimento, compromisso e protagonismo dos alunos com a proposta pedagógica da escola de modo a obter como resultado a recomposição da aprendizagem, e por consequente a alavancar os resultados da aprendizagem.

Nesse sentido, é importante destacar o contexto no qual a unidade escolar está inserida. A escola onde a ação foi realizada oferta o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. E está localizada em uma região com descendentes de pomeranos e afrodescendentes, a comunidade escolar atende uma demanda campesina, composta majoritariamente por filhos de produtores rurais e comerciantes ligados às atividades do campo. A economia local é tipicamente agrícola, centrada no plantio e comércio de verduras, leguminosas, frutas e grãos. A maioria da clientela da escola é atendida por programas sociais do Governo Federal, caracterizando-se assim, de forma expressiva, com vulnerabilidade social.

A proposta de desenvolver a ação junto à escola surgiu durante o planejamento coletivo dos professores, onde estava sendo feita a análise dos indicadores da escola, ao constatarem que, apesar das ações feitas até o momento por parte docente e da gestão, algo precisava ser feito de maneira mais eficiente para melhorar o desempenho dos alunos. Dessa forma, com base em um indicador de que o protagonismo estudantil ainda era pouco explorado, a equipe gestora se viu inspirada a incluir os próprios alunos em uma ação que os cativasse e engajasse em busca de melhores resultados.

Nesse contexto, Sacristán (2000) defende que “a avaliação deve ser utilizada como um mecanismo para ajustar o processo de ensino às necessidades dos alunos”. A partir dessa premissa, observou-se a importância de envolver os estudantes na formulação de estratégias para superar as dificuldades diagnosticadas, reforçando o conceito de protagonismo juvenil, que segundo Dayrell (2007), é “um processo de reconhecimento do jovem como sujeito ativo, capaz de influenciar e transformar sua realidade”.

Ao analisar atentamente a realidade da escola e da comunidade, ficou evidente que os alunos necessitavam ser mais participativos no processo de ensino e aprendizagem. A comunidade escolar - formada em grande parte por filhos de agricultores e comerciantes do setor rural - enfrentava desafios específicos relacionados à realidade socioeconômica. Muitos alunos, por exemplo, conciliam o tempo de estudo com atividades no campo, o que impacta diretamente o seu rendimento escolar. Diante disso, engajar e comprometer os alunos em um processo de tomada de decisão e corresponsabilidade referenciava ser a chave para uma mudança significativa nos indicadores da escola.

Outro aspecto notado foi a ausência de envolvimento direto dos alunos na proposta pedagógica da escola e na formulação de estratégias para a recomposição das aprendizagens. As intervenções anteriores eram direcionadas pela equipe pedagógica aos professores, mas não envolviam a integralidade da escuta ativa dos estudantes. Corroborando com esse pensamento, Freire (1996) defende, “a educação se faz com diálogo, e esse diálogo pressupõe que todos os envolvidos participem da construção do conhecimento”. A proposta, então, era promover esse diálogo e tornar os alunos parte ativa da solução, levando em consideração suas perspectivas, inquietações e propostas. Uma vez que se apropriassem dos resultados da escola, compartilhando o sentimento de pertencimento, buscassem em conjunto propostas de intervenções para a melhoria dos resultados.

Além disso, ao analisar os dados das avaliações internas e externas, ficou claro que há necessidade de encorajar o envolvimento, compromisso e responsabilidade nos alunos. Libâneo (2013) reforça que “a participação dos alunos no processo educativo possibilita não apenas a melhoria dos resultados escolares, mas igualmente o desenvolvimento de competências sociais, como a autonomia e a cooperação”. Assim, motivados por essa perspectiva, a equipe gestora propôs a criação de uma oficina que colocasse os alunos no centro da discussão, utilizando uma metodologia que favorecesse a inovação e a resolução

colaborativa de problemas, e após uma pesquisa sobre o tema definiu-se como abordagem metodológica o Design Thinking.

A decisão de realizar essa prática foi impulsionada pelo desejo de reverter os resultados insatisfatórios e criar um ambiente onde os alunos se sentissem empoderados e responsáveis pelo seu próprio aprendizado. A oficina utilizou a metodologia de Design Thinking, que coloca o aluno no centro da resolução dos problemas. Brown (2009) destaca que essa abordagem “fomenta a criatividade e a inovação ao focar na experiência humana e no trabalho colaborativo”. Essa abordagem foi escolhida para estimular o protagonismo dos estudantes na definição de metas e estratégias, promovendo uma gestão democrática e colaborativa. Durante a oficina, os estudantes participaram de cinco etapas fundamentais, focando em criar projeções e metas alcançáveis para o 2º trimestre.

Os objetivos da ação eram fortalecer o protagonismo estudantil, melhorar o desempenho no 2º trimestre e estabelecer uma cultura de um ambiente escolar gerido de forma colaborativa e democrática. A ação pretendia que os estudantes fossem consultados sobre o processo de tomada de decisão pedagógica e encorajados a refletir sobre como eles poderiam melhorar sua rotina de estudos e colaborar no desenvolvimento de soluções concretas para os desafios educacionais que enfrentavam.

Os principais desafios que a prática buscava superar incluíam a falta de envolvimento dos alunos no processo pedagógica e a necessidade de engajar os alunos de forma significativa e de desenvolver neles uma maior autonomia e responsabilidade sobre sua própria aprendizagem. Além disso, era preciso criar um ambiente que estimulasse o diálogo e a escuta ativa, onde os estudantes sentissem que suas vozes e ideias tinham valor e poderiam impactar positivamente o processo de ensino e aprendizagem. Esse desafio está alinhado com o conceito de gestão democrática defendido por Libâneo (2013), que destaca que a participação ativa dos alunos na tomada de decisões é fundamental para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva e eficaz.

A prática foi destinada aos Líderes de Turma e Protagonistas, que foram escolhidos por seu papel de influência e liderança dentro da comunidade escolar, com o intuito de estimular uma postura colaborativa e responsável, em consonância com o que defende Freire (1996), ao afirmar que “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”. Esses alunos atuariam como multiplicadores, levando as discussões e reflexões da oficina para suas

turmas e incentivando o engajamento coletivo na busca por soluções. A expectativa era que, ao colocar esses estudantes no centro do processo, eles se tornassem agentes transformadores, capazes de inspirar os demais colegas a se comprometerem com a melhoria contínua dos resultados escolares.

Em termos de expectativas, esperava-se que os alunos envolvidos passassem a ter uma postura mais ativa e responsável, não apenas em relação ao seu próprio desempenho, mas também no acompanhamento do progresso coletivo da escola. Além disso, esperava-se que a experiência de colaborar na formulação de soluções concretas para os desafios educacionais lhes proporcionasse uma maior motivação e autoconfiança. De acordo com Freire (1996), o envolvimento direto dos alunos no processo de aprendizagem pode estimular uma mudança de atitude, permitindo que eles se reconheçam como sujeitos autônomos e capazes de contribuir com o ambiente escolar.

Nesse contexto, as mudanças esperadas incluíam, já para o segundo trimestre, a recomposição da aprendizagem com evidências reais na melhoria dos resultados trimestres, uma cooperação ampliada entre alunos e professores e uma cultura de protagonismo e corresponsabilidade. Isto é, as ações propostas no plano de ação já frutificariam ao longo do segundo trimestre, resultando na recomposição da aprendizagem, com impacto positivo nas notas dos estudantes e na forma como eles se relacionavam com a escola e o processo educacional.

Uma vez apresentado o contexto e os objetivos, passamos a discorrer sobre a experiência da prática vivenciada, e conforme mencionado anteriormente, se efetivou por meio de uma oficina realizada com os Líderes de Turma e Protagonistas, com duração de quatro horas, no ambiente escolar. O principal objetivo foi proporcionar um momento de reflexão e construção coletiva, utilizando a abordagem metodológica do Design Thinking. Durante a oficina, os alunos sob a tutoria da gestora escolar, utilizaram como ponto de partida os resultados das avaliações externas, como o PAEBES, IDEB, além da AMA (Avaliação de Monitoramento da Aprendizagem) e os resultados do 1º trimestre, e a partir disso, criaram um plano de ação com propostas de intervenções específicas para cada turma, considerando as realidades e desafios de cada grupo de alunos, pensando sempre em melhorar o desempenho coletivo e individual para o próximo trimestre.

O trajeto percorrido ao longo do trabalho foi dividido em etapas, seguindo a metodologia do Design Thinking, que se baseia em cinco fases principais:

1ª Etapa - Imersão: Os alunos iniciaram o processo com uma análise profunda dos resultados e desafios de suas turmas (Anexo 1). Nessa fase, o objetivo era compreender os problemas educacionais a partir de diferentes perspectivas, envolvendo tanto a análise de dados objetivos (dados quantitativos, como avaliações externas e AMA) quanto as percepções dos estudantes sobre suas próprias dificuldades (Avaliação socioemocional e análise interna dos desafios de cada turma). O uso de gráficos e relatórios das avaliações internas e externas foi fundamental para embasar as discussões.

2ª Etapa - Definição: Após a imersão, os alunos passaram para a fase de definição, onde organizaram as informações coletadas e delimitaram os principais problemas a serem enfrentados. Eles identificaram os pontos críticos que precisavam ser trabalhados no segundo trimestre, levando em conta aspectos como desempenho em disciplinas específicas, comportamento em sala de aula e participação dos estudantes.

3ª Etapa - Ideação: A etapa seguinte foi a de ideação, na qual os alunos foram incentivados a propor soluções criativas e viáveis para os problemas diagnosticados. Utilizando brainstorming (na oportunidade foi construído um quadro de Post-its para geração de ideias – Anexo 4), eles discutiram possibilidades de intervenção em suas turmas, como a implementação de tutoria entre pares, reorganização dos mapas de sala, e até propostas de implementação de metodologias ativas como aulas práticas, comunidades de aprendizagem, sala de aula invertida, etc. A pluralidade de ideias nessa fase foi essencial para garantir que as propostas fossem abrangentes e adaptadas às diferentes realidades das turmas.

4ª Etapa - Prototipagem: Com as soluções propostas, os alunos passaram para a fase de prototipagem, onde transformaram suas ideias em planos de ação concretos. Cada grupo de alunos elaborou um plano detalhado de intervenções para o 2º trimestre, especificando as ações a serem implementadas, os prazos e os recursos necessários (Anexo 2). Por exemplo, na turma do 8º M01-EF, foi proposta a criação de um mapa de sala, com a reorganização dos espaços, como forma de melhorar a dinâmica em sala de aula, enquanto no Ensino Médio foi sugerida a implementação de monitorias por pares em Ciências da Natureza (Química, Física e Biologia) para reforçar o desempenho acadêmico nessas áreas (Anexo 3).

5ª Etapa - Testagem e Implementação: A última etapa do processo foi a testagem e implementação das ações nas respectivas turmas (Anexo 6). Após a elaboração dos planos, os líderes levaram suas propostas para as turmas e as implementaram com o acompanhamento da equipe gestora e dos professores. O acompanhamento e o monitoramento das ações ocorreram mensalmente, durante as reuniões de líderes de turma, onde eram discutidos os progressos e ajustes necessários (Anexo 5).

Ao longo do desenvolvimento da prática, foram utilizados recursos como gráficos de desempenho, planilhas de acompanhamento e ferramentas tecnológicas, como aplicativos de organização e gestão de tarefas, para coletar, relacionar e organizar as informações. Esses recursos permitiram que os alunos monitorassem continuamente o progresso de suas ações e ajustassem as intervenções conforme necessário.

Durante o processo, algumas intervenções tiveram que ser ajustadas para melhor atender aos desafios específicos de cada turma. No 6º M01-EF, por exemplo, foi necessário implementar uma nova estratégia para a realização das tarefas de casa, o monitoramento por meio de ficha, que é encaminhada a família se o aluno não realizar. Já na turma do 7ºV01-EF foi necessária a inclusão de uma ação sobre um contrato de disciplina em sala de aula, firmado entre os próprios alunos para reorganizar os espaços e melhorar o comportamento e a interação em sala de aula.

A culminância do trabalho ocorreu com a avaliação dos planos de ação implementados, durante o conselho de líderes de turma do 2º trimestre e foi considerado um sucesso por todas as turmas, que inclusive solicitaram a continuação do plano para o terceiro trimestre. Vale destacar também que as reuniões mensais com os líderes permitiram o acompanhamento contínuo e a realização das correções de rota, para o ajuste das ações e assim melhor alinhar os objetivos propostos com as necessidades das turmas.

Os resultados da prática demonstraram uma forte interface entre as expectativas iniciais e o que foi vivenciado ao longo do segundo trimestre. A principal expectativa era promover uma mudança no comportamento e na atitude dos alunos, além de melhorar os resultados de aprendizagem. Ao final do processo, foi possível observar que os alunos não apenas se engajaram mais ativamente no processo de ensino e aprendizagem, mas também assumiram maior responsabilidade por seu desempenho e o de suas turmas. Essa mudança foi evidenciada nas reuniões de monitoramento, onde os líderes de turma relatavam as ações

implementadas e os desafios superados. Essa melhora, de acordo com Tardif (2012), indica que “a aprendizagem é resultado de um processo dinâmico, que se alimenta de reflexões e práticas contínuas”.

Entre as mudanças mais significativas, destacam-se o aumento da participação dos alunos nas discussões pedagógicas e o desenvolvimento de uma cultura de colaboração. A proposta de envolver os estudantes na criação de soluções práticas para os problemas identificados em suas turmas resultou em maior autonomia e iniciativa por parte deles. Os planos de ação elaborados durante a oficina foram implementados com sucesso na maioria das turmas, e as correções de rotas adotadas, como a reorganização do mapa de sala no 8º ano e as monitorias em Ciências da Natureza no Ensino Médio, contribuíram diretamente para a melhoria do ambiente escolar e nos resultados do segundo trimestre.

Os resultados quantitativos também mostraram um impacto positivo. Houve um aumento expressivo no número de alunos com notas acima da média, particularmente nas disciplinas em que foram implementadas intervenções específicas, como química, matemática e biologia (Anexos 7 e 8). Essa melhoria foi constatada tanto nas avaliações internas quanto nos indicadores de desempenho comparados ao 1º trimestre, o que reforça a eficácia da prática.

Do ponto de vista comportamental, a experiência permitiu que os alunos desenvolvessem habilidades socioemocionais importantes, como liderança, trabalho em equipe e resolução de problemas. Freire (1996) destaca que a educação deve promover a autonomia do estudante, tornando-o sujeito de sua própria aprendizagem. A oficina proporcionou exatamente isto: os alunos se tornaram protagonistas de suas trajetórias educacionais, contribuindo diretamente para a criação de um ambiente mais democrático e inclusivo.

No entanto, algumas dificuldades surgiram ao longo do processo. Nem todas as turmas responderam de forma homogênea às intervenções, e em alguns casos, foram necessários ajustes mais profundos nos planos de ação. A implementação de monitorias, por exemplo, inicialmente encontrou resistência de alguns alunos no Ensino Médio, que não estavam acostumados com essa dinâmica de colaboração entre pares. Porém, com o acompanhamento contínuo e ajustes, essa resistência foi gradualmente superada.

As potencialidades da prática foram muitas, especialmente no que diz respeito à replicabilidade do projeto. O envolvimento ativo dos estudantes e o uso do design thinking

mostraram-se estratégias eficazes para promover o protagonismo estudantil e melhorar os resultados acadêmicos. Essa experiência pode ser sistematizada e replicada em outros contextos escolares, especialmente em comunidades que enfrentam desafios semelhantes no envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem.

Por fim, conclui-se que os resultados observados atenderam aos objetivos propostos e geraram uma nova possibilidade de trabalho na escola. A experiência não só pode ser continuada e aprimorada, mas também transformada em uma prática efetiva e cultural dentro da escola, com potencial de replicabilidade em outras unidades escolares, consolidando uma cultura de protagonismo e corresponsabilidade entre os alunos. Conforme Libâneo (2013), “as práticas que promovem o engajamento e a participação dos alunos devem ser sistematizadas, visando à criação de uma cultura pedagógica democrática”

Dessa forma, ao final do segundo trimestre, os resultados foram positivos, com uma melhoria significativa no desempenho dos alunos. O aumento no número de estudantes com notas acima da média foi um dos principais indicativos do sucesso da prática, além da percepção de maior engajamento e responsabilidade por parte dos alunos. O acompanhamento contínuo também permitiu que os líderes se tornassem protagonistas em suas turmas, promovendo uma cultura de corresponsabilidade e cooperação no processo educacional.

É importante ressaltar também que a participação ativa dos alunos garantiu que as soluções apresentadas fossem realistas e aplicáveis, uma vez que partiram diretamente das vivências e percepções dos próprios estudantes, que são os protagonistas do processo de ensino e aprendizagem. Esse momento foi muito enriquecedor, pois os alunos se sentiram parte integrante do processo decisório e da gestão da escola.

Portanto, os resultados da oficina foram considerados um sucesso. A grande aceitação e o engajamento dos alunos envolvidos, somados à eficácia das propostas, refletiram diretamente na melhora expressiva dos resultados no 2º trimestre. A escola registrou um aumento significativo no número de alunos com notas acima da média, comprovando o impacto positivo da intervenção.

Esta ação reforça o compromisso da escola com a recomposição da aprendizagem e com a melhoria contínua dos resultados educacionais, alicerçando o fazer pedagógico na colaboração e inovação. A oficina consolidou um espaço de diálogo e construção coletiva,

mostrando que o protagonismo estudantil é uma peça-chave para o sucesso da proposta pedagógica.

Por fim, destaca-se que essa ação se efetivou como um momento muito enriquecedor, onde os alunos se sentiram parte integrante do processo decisório e da gestão democrática da escola. As possíveis soluções surgiram diretamente dos mais importantes no processo de ensino-aprendizagem, garantindo que as propostas sejam realistas e aplicáveis. Assegurando, portanto, que tal ação permitiu alicerçar o fazer pedagógico em nossa escola, fortalecendo a colaboração e a inovação pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Tim. **Change by design: how design thinking creates new alternatives for business and society**. New York: Harper Business, 2009.

DAYRELL, J. M. **Educação e Protagonismo Juvenil: o papel do jovem na construção da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2013.

SACRISTÁN, José G. **A prática educativa: como ensinar e aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

ANEXOS



Anexo 1 - Primeira Etapa da Oficina (Imersão): Os alunos iniciaram o processo de análise dos resultados e desafios de suas turmas.



Anexo 2 - Quarta Etapa da Oficina (Prototipagem): Os alunos transformaram suas ideias em planos de ação, digitaram no modelo proposto para posterior apresentação em suas turmas.



metas

PRAZO	PLANO DE AÇÃO	FEITO	
30/08/2024	<ul style="list-style-type: none"> Organizar grupos de mentoria nas aulas de matemática. 	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30/08/2024	<ul style="list-style-type: none"> Monitorar por meio da Ficha as tarefas para casa e trabalho, e comunicar as famílias dos alunos que não estão realizando. 	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
30/08/2024	<ul style="list-style-type: none"> Realização de pelo menos uma aula prática por mês nas disciplinas de Ciências da Natureza. 	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
30/08/2024	<ul style="list-style-type: none"> Disponibilização de atividades complementares (vídeos, exercícios, slides, etc.) 	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
30/08/2024	<ul style="list-style-type: none"> Uma vez ao Mês incluir estratégias de gameificação. Exemplo: Kahoot. 	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
30/08/2024	<ul style="list-style-type: none"> Utilizar as aulas de Estudo Orientado para realização de trabalhos e atividades complementares/revisão. 	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

SE VOCÊ PODE SONHAR · VOCÊ PODE ALCANÇAR

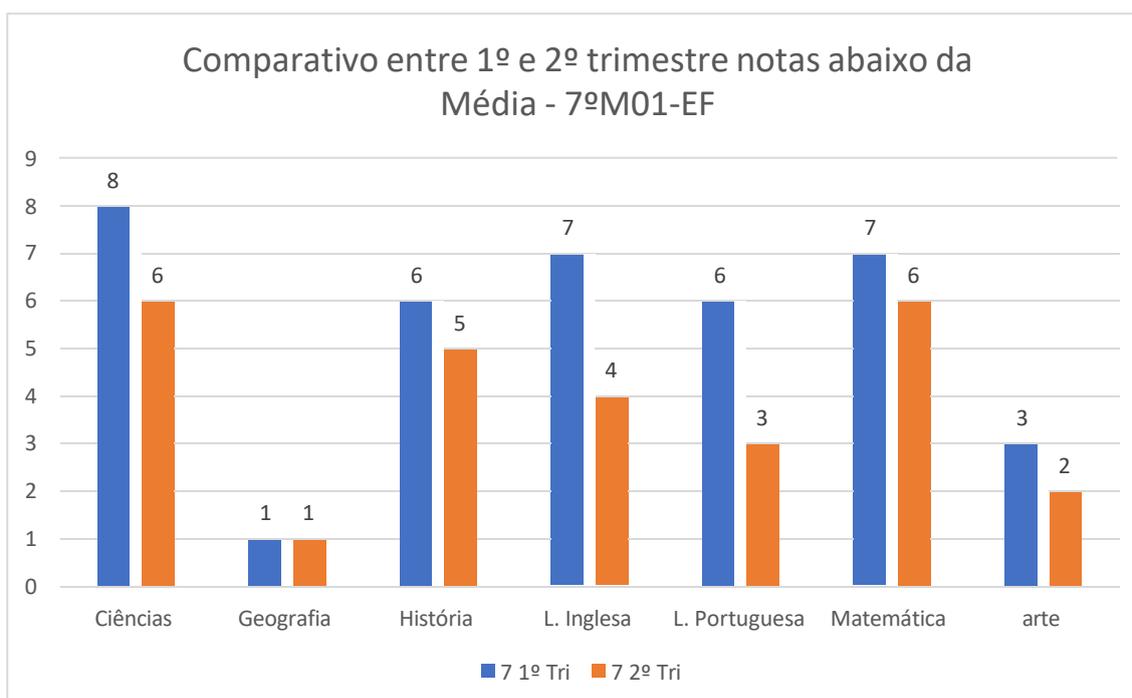
Anexo 3 – Plano de Ação 7ºM01-EF: Plano de ação proposto pelos alunos do 7ºM01-EF.



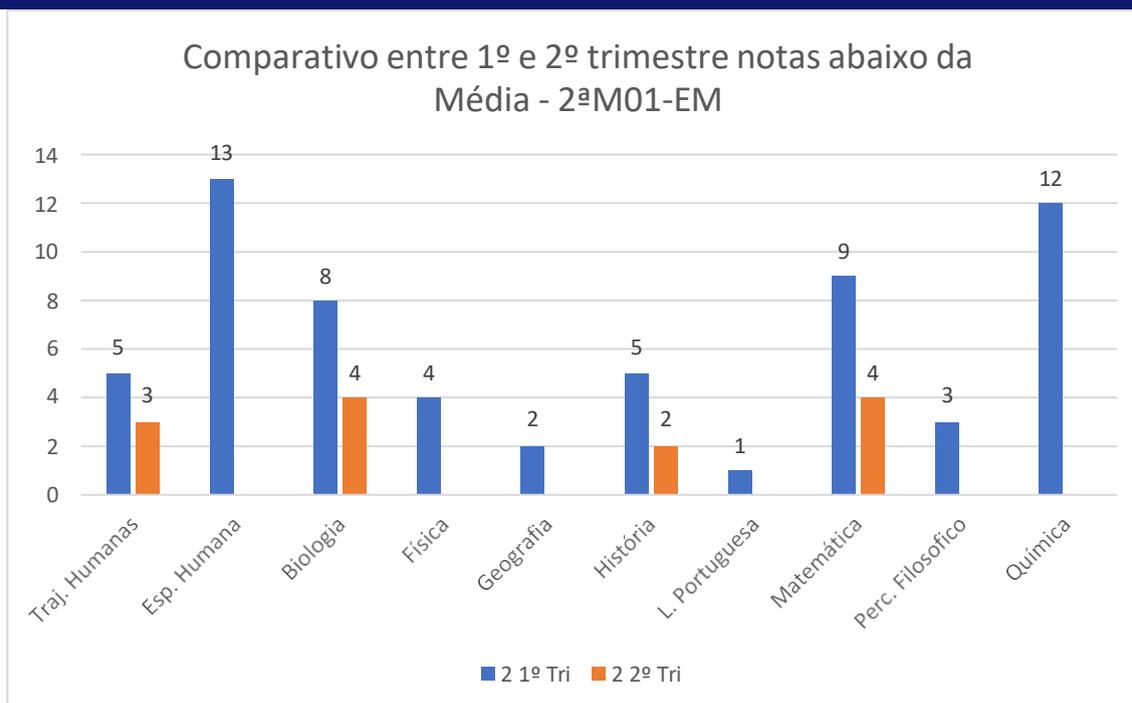
Anexo 4 - Terceira Etapa da Oficina (Ideação): Utilização da técnica brainstorming para propor soluções criativas para os problemas de cada turma.



Anexo 5 – Quinta Etapa da Oficina (Testagem e Implementação): Após a elaboração dos planos, os líderes levaram suas propostas para as turmas e as implementaram com o acompanhamento da equipe gestora e dos professores.



Anexo 6 – Gráfico comparativo de notas abaixo da média no 1º e 2º trimestre na turma do 7ºM01-EF: em azul observa-se as notas abaixo da média no 1º trimestre, e em laranja as notas abaixo da média no segundo trimestre, apresentando significativa redução.



Anexo 7 – Gráfico comparativo de notas abaixo da média no 1º e 2º trimestre na turma da 2ªM01-EM: em azul observa-se as notas abaixo da média no 1º trimestre, e em laranja as notas abaixo da média no segundo trimestre, apresentando expressiva redução, e caracterizando, portanto, uma evidência dessa ação.